

“Eu e a Música”- A emancipação feminina nas trajetórias de Wanda Sá e Nara Leão

Daniel Lopes Saraiva¹

No início da década de 1960, mulheres na carreira artística, de modo geral, não eram bem vistas, sobretudo pela Classe Média. Como as jovens eram educadas para serem esposas, assumir a carreira artística era um grande fardo, uma vez que era tido por incompatível o ser mulher de família e ser artista. Nesse sentido, são sintomáticos casos como o de Hebe Camargo, que, em 1960, interrompera a carreira artística para se casar, ou Maysa, que para seguir por esse caminho, abandona o casamento em 1957.

No presente artigo, trabalharemos as trajetórias de duas intérpretes que iniciaram suas carreiras nesse contexto: Nara Leão, nascida em Vitória no dia 19 de Janeiro de 1942, e Wanda Sá, que nasceu em São Paulo em 11 de julho de 1944. Ambas foram criadas na cidade do Rio de Janeiro, berço da Bossa Nova, movimento que marcou suas trajetórias.

Enquanto Nara esteve presente no movimento desde o começo, promovendo encontros de cantores em sua casa, Wanda foi uma das primeiras fãs do movimento, tendo acompanhado todos os shows até ser inserida no grupo. Às duas se atribuiu o título de “musa” do movimento, sendo Nara a musa da primeira geração e Wanda a musa da segunda geração bossanovista. Além disso, ambas gravaram o seu primeiro disco no ano de 1964, tendo seguido carreiras parecidas no início, mas tomando rumos diferentes em um segundo momento.

Abordaremos não apenas as carreiras das intérpretes, mas as maneiras como lidaram com o ser artista e ser mulher diante da hostilidade daquele universo de representações. Escolher a carreira artística era considerado uma forma de transgressão e emancipação feminina. Esse ativismo, contudo, muitas vezes não seria explícito, como destaca a antropóloga Margareth Rago, e sim informal, miúdo e pouco valorizado. Abordamos, assim, as carreiras dessas intérpretes como vetores na construção da legitimidade simbólica da mulher na música.

¹ Mestre pela Universidade Federal de São João Del-rei

As mulheres no Brasil, nas décadas de 1940, 1950 e 1960

As mulheres brasileiras pertencentes a classe média, nascidas na década de 1940 eram educadas, entre os anos de 1950 e 1960, para a virgindade, o casamento (indissolúvel), a maternidade, a família, o silêncio e a passividade. Esse era o ideal da mulher. Entretanto, diversas mulheres destoaram desse padrão, e por isso atraíram olhares de preconceito da sociedade. Essas transgressoras abriram caminhos próprios na sociedade, sem contar com grandes referências anteriores tanto nas trajetórias profissionais quanto na pessoal. (RAGO, 2013: 35)

Nessas mesmas décadas, mais mulheres chegavam ao ensino universitário. Havia uma mudança de pensamento em relação à mulher no ensino superior, especificamente nas cidades grandes. O êxodo rural gerou cidades mais povoadas que aproximavam mais pessoas e estilos de vida, acelerando as mudanças de comportamento. O maior acesso das mulheres a empregos remunerados proporcionaria maior independência delas. (PISKY, 2012: 514)

A historiadora Margareth Rago considera a emergência dessa geração como um “acontecimento”, isto é, forças que irrompem e alteram a história. Para ela, o processo de modernização que o país passava, necessitando de mão de obra qualificada, e a luta contra a ditadura fizeram com que as mulheres saíssem dos papéis de coadjuvantes. Tanto a modernização quanto a luta esquerdista contra a ditadura precisavam de mais força, portanto a participação das mulheres teria grande importância. (RAGO, 2013: 61)

As décadas de 1960 e 1970 seriam, dessa forma, momentos importantes de experimentação das novas possibilidades para essas mulheres. Isso tudo ocorria antes do movimento feminista se afirmar no país, o que acontece apenas em meados da década de 1970, com a chamada segunda onda do feminismo. (RAGO, 2013: 40)

As Brasileiras já haviam conseguido algumas conquistas como o voto, consagrado pela Constituição de 1934, antes de países com Argentina, Bélgica, Itália e. Entretanto três décadas depois o papel das mulheres na política era secundário. As

mulheres de classes mais altas continuavam dedicando ao lar, uma vez que a sociedade patriarcal ainda imperava no Brasil.(GONÇALVES, 2006: 32)

Tratarei aqui de dois pontos da liberdade feminina. Primeiro tópico, atendo-me à aceitação da mulher classe média cantora, que era o caso de Nara Leão e Wanda Sá. Depois, no segundo tópico, questão das militantes mulheres, que lutavam contra os regimes ditatoriais instaurados não apenas no Brasil, mas também em outros países do Cone Sul.

As cantoras da classe média

Nesse mesmo período, a carreira artística para mulheres não era vista com bons olhos, sobretudo pela classe média brasileira. As meninas ainda eram educadas para serem esposas. Portanto, assumir a carreira artística poderia ter um grande peso. Norma Bengell(1935-2013) em seu livro de memória aborda como o artista era tratado naquele período:

Eu sabia que tinha carisma, que podia fazer sucesso e ganhar dinheiro. Mas ser artista, naquela época, significava ser marginal, piranha, puta, mulher que não merecia respeito. Por isso meus pais preferiam que eu fosse datilógrafa e taquígrafa bilíngüe, como minha prima.(BENGELL, 2014: 46)

Norma era proveniente de família simples, e entrar na carreira artística possibilitaria uma vida melhor, portanto mesmo não sendo de vontade de sua família, Norma Bengell deu continuidade em sua trajetória artística. Primeiro como modelo, depois vedete, atriz e cantora. O dinheiro conquistado pela atriz era uma ajuda na renda familiar. Nara Leão e Wanda Sá eram de famílias de classe média, com boa situação financeira e trabalhar como artista não teria grande importância na renda familiar. Portanto ter a aceitação da família poderia ser mais difícil.

Ao trabalhar a trajetória das cantoras da rádio nacional, Ronaldo Conde Aguiar aborda o ser cantora na sociedade brasileira em 1950.

A sociedade brasileira, no início dos anos 1950, era extremamente conservadora e preconceituosa. Nove entre dez pessoas consideravam o

ambiente artístico uma espécie de sucursal de Sodoma e Gomorra, onde ninguém era de ninguém, os escândalos se multiplicavam, as orgias eram constantes. Astros e estrelas não passavam de gigolôs, cafajestes, homossexuais e prostitutas.(CONDE, 2010: 182)

Na década de 1960 o preconceito com a classe artística podia ter diminuído um pouco, mas continuava vigente. Sobretudo para as classes mais abastadas. Uma vez que para as classes mais pobres, ser artista poderia ser uma forma de atingir sucesso na vida. Sucesso não bem visto por parte elite Brasileira.

Nara Lofego Leão nasceu em 19 de Janeiro de 1942, em Vitória (ES). Quando tinha apenas um ano, seus pais Jairo, um advogado bem sucedido, e Tinoca Leão, dona de casa, mudaram-se para o Rio de Janeiro. Apesar de ser uma família de classe média, Nara ressaltava que ela e sua irmã Danuza foram criadas sem aqueles valores tradicionais da classe, o que futuramente lhe possibilitaria tornar-se cantora.

Segundo Danuza Leão, em sua autobiografia, ela e Nara foram criadas para serem livres e jamais depender financeiramente de homem nenhum, e isso elas teriam aprendido direitinho.(LEÃO, 2005: 17) Em entrevista concedida para esta pesquisa, ao ser questionada sobre os valores nos quais ela e Nara foram criadas, ela respondeu:

Nós fomos criadas com uma diferença de idade de quase dez anos entre eu e Nara, mas nós éramos criadas com bastante liberdade. Meu pai tinha uma cabeça muito aberta, por isso aliás havia as reuniões da Bossa na casa do meu pai e de mais ninguém, porque ele abria a casa e a garotada ficava tocando violão a noite inteira, coisa que os outros pais não deixavam.²

A trajetória musical de Nara começou cedo. Aos doze anos passou a estudar violão com o professor Patrício Teixeira, em uma época em que eram poucas as mulheres da elite que tocavam violão – pois o músico era estigmatizado como “vagabundo” – é fácil imaginar o que fariam de uma jovem cantora. Entretanto, isso não era problema para seu pai, pois foi ele quem a matriculou nesse curso. (CABRAL, 2008: 9-17) Sua irmã Danuza fez aulas de piano e frequentou durante um tempo as aulas de violão de Patrício Teixeira. É interessante ressaltar que a palavra liberdade é, várias

² Entrevista concedida por Danuza Leão a, Daniel Lopes Saraiva, pelo telefone, em 23 de outubro de 2013

vezes, destacada por Danuza Leão tanto na entrevista concedida para a pesquisa quanto em sua autobiografia. Essa liberdade é o que proporciona a Nara, uma menina da classe média carioca, seguir a carreira de cantora. Sem essa liberdade dificilmente a menina da Zona Sul carioca teria seguido esse caminho, uma vez que, como ressaltado, havia um grande preconceito contra os músicos, mas com relação as intérpretes o preconceito era bem mais sentido. Muitas foram as cantoras que largaram a carreira para se casar. Um dos exemplos é Celly Campello (que depois retoma a carreira) (FROES, 2000: 35) que no auge de sua trajetória artística para de cantar para se dedicar à família que começava a formar. Nara, desde muito jovem, participava de rodas de violão na casa de conhecidos, com Roberto Menescal, do qual havia se tornado amiga em função da música. Menescal narra o início da amizade deles:

Nara tinha onze anos quando eu a conheci. Eu estava fazendo quinze. Então a gente se conheceu e seguiu junto ali, porque eu vi que ela gostava muito de música. E Nara sempre esteve mais adiantada do que a gente, muito mais, não só fisicamente – ela com onze anos parecia uma menina de quinze, dezesseis – e também culturalmente porque os pais dela eram muito preocupados com cultura. A irmã dela, Danuza, também, sempre nos meios intelectuais e tal. E Nara, por exemplo, me ensinou Jazz – eu nunca tinha ouvido falar em Jazz na minha vida. Ela falou: “vamos ouvir um pouco de jazz?”. Ela tinha doze anos quando falou isso. “Jazz? O que é jazz?”. “Ah, tem umas bandas aqui de jazz e tal”. Então a gente começou muito a ouvir principalmente música americana, por causa dos filmes. Os filmes... Todos os filmes na época traziam muitos números musicais e artistas que estavam surgindo. Então, a gente ia muito ao cinema, toda semana, principalmente metro, cinema metro que tinha os grandes musicais. E ouvindo disco e tal...³

Nesse trecho se pode ver o quão cedo Nara iniciara sua trajetória artística. Aos 16 anos, ela largou a escola, mas diferente do que sempre é falado, não apenas por vontade própria e sim porque seu pai achava melhor que as filhas estudassem em casa. Ele não via grande importância no diploma. Danuza também fora tirada bem cedo do colégio, segundo palavras dela:

Não, meu pai me tirou do colégio quando eu tinha doze anos porque ele queria que eu estudasse em casa. Ele achava que diploma não tinha menor

³ Entrevista concedida pelo compositor Roberto Menescal a Daniel Saraiva, na cidade do Rio de Janeiro, em 01 de agosto de 2011.

importância, não precisava para nada, o que precisava era aprender as coisas. E a Nara também ele quis tirar, mas ela quis continuar⁴

Nara, em depoimento para o museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, deu sua versão para ter abandonado a escola. Segundo ela, houve uma incompatibilidade com os professores e com o esquema exigido no colégio. Disse ainda que sua prioridade era ficar acordada tocando violão e, após ficar dois meses afastada da escola por estar com hepatite, resolveu não voltar mais. Entretanto, Nara teria professores em casa, como havia acontecido com sua irmã.⁵

Essa liberdade na casa de Nara fascinava suas amigas, que adoravam a liberdade na casa da família Leão. (CABRAL,2008:14) A diferença de idade entre Nara e Danuza era de quase dez anos, portanto, quando Nara tinha apenas 7 anos, Danuza já era a modelo mais famosa do país e morava em Paris, isso com apenas 16 anos. Segundo Danuza o Advogado Jairo Leão, pai dela e de Nara, criou as filhas para serem independentes:

Ele dizia isso que nós tínhamos que ser independentes. Que o mais importante da vida era não depender de ninguém, sobretudo de marido. E com isso, sempre fomos independentes. Começamos a trabalhar cedo e nunca dependemos de ninguém, nem eu, nem Nara.⁶

Wanda Sá nasceu no dia 11 de julho de 1944 em São Paulo, mas transferiu-se cedo para o Rio de Janeiro. Filha de mãe paulista e pai carioca foi criada na zona sul do Rio de Janeiro. Era uma das admiradoras da Bossa Nova na adolescência. Entrou para a academia de Roberto Menescal e Carlos Lyra para aprender os acordes de onde posteriormente seria professora. Estreou profissionalmente em 1962, no programa *Dois no Balanço* exibido pela TV Excelsior. (ALBIN, 2006: 657)

Sendo apenas dois anos mais nova que Nara, Wanda é considerada a musa da segunda geração da Bossa Nova, enquanto Nara levava esse título em relação a primeira

⁴ Entrevista concedida por Danuza Leão a, Daniel Lopes Saraiva, pelo telefone, em 23 de outubro de 2013

⁵ Entrevista concedida por Nara Leão, ao Museu da Imagem e do Som (MIS RJ), em 06 de Julho de 1977

⁶ Entrevista concedida por Danuza Leão a, Daniel Lopes Saraiva, pelo telefone, em 23 de outubro de 2013

turma. Também pertencente à classe média, a cantora conta como foi difícil se firmar na carreira, uma vez que para a família cantar seria um hobby e não uma profissão.

Era, era um hobby. E por isto mesmo talvez eu não tenha levado muito a sério. Porque como era muito difícil para a família entender isto e eu fui criada numa família muito fechada também entre 4 irmãos mais velhos e eu era a única menina e então mais presa. Mas ali naquele programa foi possível fazer. E aí eu fiz. E aí neste primeiro(programa) as pessoas gostaram e não sei o que, e o Ronaldo foi e me convidou para fazer o segundo e eu fiz o segundo e o terceiro e aí quando chegou no terceiro programa estava o Benil Santos que era o produtor da RGE e falou: vamos fazer um disco, quero fazer um disco com você⁷.

Fica evidente que para a família isso não seria uma carreira séria. Segundo Wanda os ambientes que foram criadas não favoreciam a carreira que começava a ser trilhada, tanto ela quanto Nara tinham crises em relação a essa escolha. Entretanto Wanda Sá ressalta que os pais de Nara eram bem mais liberais que os dela⁸. Com a ascensão do movimento bossanovista, os convites para gravação iam aparecendo e isso incluiu convidar as representantes femininas do grupo, nesse caso Nara e Wanda.

As duas lançam o primeiro disco em 1964. Nara Leão lança o LP *Nara*, pela gravadora *Philips*, mesmo mantendo o jeito bossanovista de interpretação a cantora gravou sambistas de morro e letras mais engajadas falando sobre o cotidiano do trabalhador, do morador da favela ao retirante nordestino. O disco causou grande estranheza uma vez que era estranho a musa da primeira geração da Bossa Nova, cantar músicas engajadas e temáticas populares. Wanda Sá lança o LP *Vagamente* no qual faz uma ligação entre a primeira geração bossanovista e a segunda, com produção de Roberto Menescal, texto de Roberto Bôscoli. E letras de autores como Marcos Valle, Tom Jobim, Nelson Motta, Edu Lobo, Vinicius de Moraes Carlos Lyra, Francis Hime. Ou seja, reunia uma parte considerável do movimento. O disco traz ainda uma parceria da cantora com Nelson Motta, a canção *Encontro*. O que merece destaque, uma vez que eram raras as compositoras do sexo feminino. Entre os poucos exemplos do período temos Maysa e Dolores Duran.

⁷ Entrevista concedida pela cantora Wanda Sá, a Daniel Saraiva, na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de agosto de 2014.

⁸ Entrevista concedida pela cantora Wanda Sá, a Daniel Saraiva, na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de agosto de 2014.

Em 1965 Wanda Sá recebe um convite do Sérgio Mendes para fazer parte de uma turnê, que viajaria pelos Estados Unidos. Ao ser questionada sobre a atitude do pai sobre o convite a cantora disse:

E como era um negócio em princípio patrocinado pelo Itamaraty para cantar em universidades aí o meu pai deixou... Aí o meu pai deixou por isto. Porque não era um negócio para fazer boate e nem nada, era para cantar nas universidades. Era um projeto muito legal. Era um projeto de um mês só⁹.

Wanda acabou ficando mais do que um mês, gravou dois discos lá, um individual e um com o grupo que excursionava. Em 1966 recebe um convite de Benil Santos para gravar mais um disco, entretanto a cantora já estava desanimada com a carreira e namorava o também cantor Edu Lobo¹⁰. Em 1969 casou-se com o cantor e foi morar nos EUA, ao ser perguntada sobre o motivo de parar a carreira durante o tempo que esteve casada, ela afirmou:

Quer dizer que eu uni o útil ao agradável, não era uma coisa que ele gostaria que eu cantasse e eu não queria mais. E então deu certinho. E as pessoas sempre acham isto. O Ronaldo falava, ele não deixa você cantar. Não é verdade, eu não queria mais e ele não achava bom e então estava ótimo para mim, confortável¹¹.

A intenção do trabalho não é questionar a atitude, mas sim mostrar que mesmo um cantor tinha preferência pela esposa não seguir a carreira de cantora. O segundo ponto era que, mesmo ela tendo afirmado que tinha se desencantado com a carreira, a imprensa continuava creditando o afastamento da cantora ao marido. O que reafirma uma visão machista, que atribui ao homem a ação e à mulher, a submissão.

Cacá Diegues narra em seu livro de memórias fato parecido. Tendo sido casado com Nara em 1967 (Nara dá uma pausa em sua carreira no ano de 1969, quando se autoexila com o marido em Paris), o cineasta diz que a imprensa creditava a ele o afastamento da cantora dos palcos:

⁹ Entrevista concedida pela cantora Wanda Sá, a Daniel Saraiva, na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de agosto de 2014.

¹⁰ Entrevista concedida pela cantora Wanda Sá, a Daniel Saraiva, na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de agosto de 2014.

¹¹ Entrevista concedida pela cantora Wanda Sá, a Daniel Saraiva, na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de agosto de 2014.

Era injusto com ela considerar, como parte da imprensa passara a fazer, que se afastava da profissão, cantando cada vez menos em público e aparecendo pouco na televisão, por minha causa, o marido que lhe exigia dedicação doméstica. Fui cobrado disso publicamente, até por amigos como Millôr Fernandes (ao vivo e por escrito) e Tarso de Castro(empre)(DIEGUES, 1014: 227)

Portanto, mesmo que as duas artistas tivessem tomado a decisão de se afastar da carreira artística por conta própria, a culpa era creditada aos maridos. Não estou tentando explicar o porquê das pausas nas carreiras, mas sim mostrar com a sociedade ainda era fortemente machista, onde a opinião da mulher estaria atrelada a uma ordem ou cobrança do homem. Ou seja, ser mulher, cantora e engajada não era tarefa fácil. Nara e Wanda acabavam sendo um exemplo da emancipação feminina, mesmo não tendo tido ligação direta com o movimento feminista. Margareth cita que há um ativismo muitas vezes não explicitado, que seria cotidiano, informal, miúdo e pouco valorizado e percebido, e que se traduz pela capacidade de criar espaços coletivos nos quais fronteiras seriam rompidas. (RAGO, 2013: 194)

Nara Leão e Wanda Sá fizeram isso durante sua carreira, são exemplos de figura da mulher classe média, culta, que teria atingido sucesso profissional, com prestígio entre os setores culturais e intelectuais na sociedade.

Nara, que tinha um lado engajado na carreira, em suas entrevistas, era convidada a opinar sobre política, cotidiano, indústria cultural, novos artistas. Ser gravado por Nara era considerado como de ser bom compositor. Portanto, mesmo não ligada diretamente ao feminismo, a cantora fez parte da geração que não apenas ficava no espaço privado, mas também no público. Esse papel de evidência incomodava as autoridades militares, que viam na cantora um “péssimo” exemplo a ser seguido.

As mulheres na luta contra a ditadura

Durante os períodos de ditadura, os movimentos de resistência contra o governo surgiam de diversas formas. Dentro dessas organizações homens e mulheres lutavam por um país democrático, pela liberdade. Muitos desses grupos fizeram uma luta armada, sequestrando embaixadores, realizando roubos para financiar novas ações. Mesmo os grupos que não pegavam em armas, e eram apenas contrários as ideias dos

militares, acabaram sofrendo repressões. Tortura, sequestro e mortes eram comuns, não apenas na ditadura brasileira, mas também em outros países como a Argentina (1966-1973).

Portanto, homens e mulheres contrários às ditaduras foram presos, mas para as mulheres essas prisões teriam dois tipos de reação: primeiro, elas eram contrárias aos militares, o que era o mesmo caso dos homens; segundo, porque elas eram mulheres. Claudia Hazenbegovic afirma que a mulher “ideal”, na ideologia militar, seria aquela que se aproxima da mulher objeto, a mulher livre com participação política era rechaçada por essa ideologia (HAZENBEGOVIC, 2011: 223), pois o setor militar era composto, em sua maioria, por homens seguindo hierarquias nas quais as mulheres não estavam presentes.

Portanto, a mulher seria um elemento duplamente transgressor, por ser militante e por ser mulher. (KOTCHERGENKO, 2011 : 295) No livro *Aventura de Contar-se*, a historiadora Margareth Rago trabalha com trajetórias distintas de mulheres atuantes nas décadas de 1960 e 1970. Dentre essas trajetórias, estão duas militantes do PCB (Partido Comunista Brasileiro), Amelinha e Criméia. Em seus depoimentos, elas descrevem os horrores que sofreram nos porões da ditadura. A atuação feminina como militante política não é uma novidade do período, como exemplo temos a atuação de Olga Prestes no governo Vargas Mas de durante o regime militar ela acontece com uma maior intensidade. O que chama atenção é a condição da mulher como presa política, em que a violência não é apenas física, mas também sexual. Primeiro, não havia a figura da torturadora, portanto as torturas eram realizadas por homens. Segundo, muitas vezes eram indagadas sobre qual homem estavam protegendo, ou de qual homem tinham ido atrás. Não eram consideradas cabeças pensantes e sim mera extensão dos maridos. Quando eram solteiras causavam ainda maior indagação, tendo inclusive a sexualidade questionada. Os Militares questionavam o que levava uma mulher a ser militante, uma vez que sustentavam o protótipo de mulher submissa, sem opinião própria. Em depoimento para o livro, a ex-militante Criméia narra as torturas:

Nua, o interrogatório era sempre nua. E uma das coisas que eu me recusava era tirar a roupa, então eles me arrancavam a roupa, porque eles até queriam que a gente tirasse a roupa, para humilhar bastante. Então com isso, as

minhas roupas eram todas rasgadas, porque eles arrancavam violentamente, cada dia tinha um botão a menos...

Porque aí como eles tiravam a roupa, é muito constrangedor, você na frente de estranhos, de inimigos, não é só estranhos...Se eu estivesse nua na rua seria melhor.(RAGO, 2013: 81-82)

Nua, diante de olhares masculinos, muitas vezes essas torturas resultavam em abusos sexuais, tratando as presas como objetos. Não por acaso, durante um interrogatório, os militares disseram a Chico Buarque que iriam enfiar um ferro na intérprete Nara Leão, deixando clara a condição mais frágil do sexo feminino, uma vez que os torturadores eram homens.(RAGO, 2013: 79) Nara não chegou a ser presa, mas é de se imaginar que em um grupo de ideologia machista, ser afrontado por uma mulher tinha um peso muito maior.A cantora é uma das poucas artistas do sexo feminino que deixa o Brasil, a grande maioria dos artistas no exílio eram homens.A figura de Nara incomodava o governo ditatorial, isso fica evidente em documentos do período.¹² A cantora por diversas vezes cantou pedindo pela liberdade, deu depoimentos contrários ao governo ditatorial, expondo criticas aos governantes. Ou seja, imagem bem diferente que os militares esperavam de uma mulher.

As carreiras de Nara Leão e Wanda Sá

Tanto Wanda Sá quanto Nara Leão iniciaram muito cedo suas carreiras, de forma quase que não intencional. O amor pela música fez com que as duas intérpretes tivessem suas carreiras iniciadas quase que espontaneamente. Entretanto pelo lugar ocupado na sociedade as duas tiveram dificuldades em aceitar seu papel de cantora e conseguir a aceitação da família, amigos, sociedade. Foi um longo percurso até se aceitarem como tal.

As duas deram pausas nas suas carreiras para dedicar a família. Flavia Biroli, citando Carole Pateman, fala sobre a relação direta entre o contrato de casamento e as restrições à autonomia das mulheres.(BIROLI, 2013:54) No caso das cantoras a pausa nas carreiras não foi forçada, e sim uma decisão pessoal. Mas credits aos seus cônjuges pela imprensa, mostrando uma visão machista da sociedade.

¹² Documentos do período militar disponíveis no Arquivo Nacional de Brasília.

Fato é que mesmo com uma pausa na carreira as duas artistas retomam a vida artística. Nara Leão que pausa sua carreira em 1969 volta a carreira no ano 1977. Antes disso chegou a gravar dois LP's, em função de seu contrato com a gravadora, mas não chegou a fazer shows de apresentação dos discos. Limitava-se a pequenas participações em shows e discos de amigos. O período de pausa na carreira de Wanda Sá é mais longo, tem início em 1969 e vai até 1982. A cantora chega a participar de discos de outros artistas e faz alguns shows, mas a carreira retoma mesmo na década de 1980. Entre 1977 até 1989(ano de seu falecimento) Nara grava 11 discos, já Wanda Sá entre 1982 e 2014 grava 16 discos.

O número de gravações mostra a intensa atividade das artistas. O papel das duas no período é essencial uma vez que representavam a figura da mulher, artista, mãe e divorciada. Fato que não era bem visto na sociedade nas décadas citadas. As duas contribuem para a abertura de um caminho para outras mulheres, sejam da área artística ou de outras áreas. Não é intenção atribuir apenas as duas intérpretes a liberdade feminina, outras cantoras tem grande importância na desconstrução da imagem negativa das intérpretes. Mas Nara Leão e Wanda Sá, ligadas ao início do movimento bossanovista e representantes da música brasileira tem contribuição considerável para a nova imagem da mulher na carreira artística. Uma vez que mesmo desacreditadas por alguns setores das sociedades, conseguiram construir uma carreira com grande visibilidade e escreveram seus nomes na história da música popular brasileira.

Bibliografia

AGUIAR, Ronaldo Conde. *As Divas da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010.

ALBIN, Ricardo Cravo. *Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira*. Rio de Janeiro: Paracatu, 2006.

BENGELL, Norma. *Norma Bengell*. São Paulo: nVerso, 2014.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e Política*. São Paulo: Boitempo, 2013.

CABRAL, Nara Leão: *Uma Biografia*. Rio de Janeiro: Ed. Lazuli, 2008.

DIEGUES, Cacá. *Vida de Cinema: Antes, Durante e Depois do Cinema Novo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

FRÓES, Marcelo *Jovem Guarda em ritmo de aventura*. Rio de Janeiro. Ed. 34, 2000.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HAZENBEGOVIC, Claudia apud JOFFILY, Mariana. Os nunca más no cone sul: gênero e repressão política (1984-1991). In: PEDERO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria. *Resistências Gênero e Feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Santa Catarina: Mulheres, 2011.

KOTCHERGENKO, Andrei Martin San Pablo. As Mulheres na luta armada no cone sul. In: PEDERO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria. *Resistências Gênero e Feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Santa Catarina: Mulheres, 2011.

LEÃO, Danuza *Quase Tudo*. SP. Ed. Companhia das Letras, 2005.

PISKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se*. São Paulo: UNICAMP, 2013.

Entrevistas

Entrevista concedida por Nara Leão, ao Museu da Imagem e do Som (MIS RJ), em 06 de Julho de 1977

Entrevista concedida pelo compositor Roberto Menescal a Daniel Saraiva, na cidade do Rio de Janeiro, em 01 de agosto de 2011.

Entrevista concedida por Danuza Leão a, Daniel Lopes Saraiva, pelo telefone, em 23 de outubro de 2013

Entrevista concedida pela cantora Wanda Sá, a Daniel Saraiva, na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de agosto de 2014.

Fontes discográficas

Nara Leão. LP *Nara*. Philips. 1964.

Wanda Sá. LP *Vagamente*. RGE. 1964.